

DIÁRIO DO FAROL: O MAU SUJEITO OU O SUJEITO SE FAZ MAU?

Erivaldo Sales Nunes¹
Thaís Oliveira Araújo²

Resumo: Este artigo é fruto de uma dinâmica e experiências dos investigadores do Projeto de Pesquisa João Ubaldo da Baía de Todos os Santos e de Todos os Lugares. Ao analisar o contexto histórico em que está inserida a obra *Diário do farol* (2002), procurou-se enfatizar aspectos que auxiliam a compreender o regime de exceção da ditadura militar, sistema político brasileiro que existiu por mais de duas décadas. No romance *Diário do farol*, o escritor itaparicano João Ubaldo Ribeiro procura apresentar o narrador como sendo o próprio protagonista da história. Ele enfatiza o mundo a partir do olhar de um ex-torturador.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro; literatura; ditadura militar; história.

LIGHTHOUSE DIARY: THE BAD GUY OR THE GUY WANTS TO SOUND LIKE BAD?

Abstract: This article is the result of a dynamic and experience of researchers of the Research Project João Ubaldo of Bay of All Saints and All Places, that by analyzing the historical context in which it operates the Lighthouse Diary work, sought to emphasize aspects that help to understand the Brazilian political system that lasted more than two decades of its existence: the authoritarian regime of the military dictatorship. In the novel's Lighthouse Diary(2002), the itaparicano writer João Ubaldo Ribeiro, the narrator seeks to present himself as the protagonist of the story . He emphasizes the world through the eyes of a former torturer.

Keywords: João Ubaldo Ribeiro; Literature; military dictatorship; History.

Introdução

As leituras de alunos do Ensino Fundamental de escolas baianas — especialmente os do Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro (CEJUR), localizado em

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal da Bahia e Universidade Nova de Lisboa (2013-2016), possui graduação em História (1998) e mestrado em Letras e Linguística (2002), também pela Universidade Federal da Bahia pela Universidade Federal da Bahia . Membro do Grupo de Pesquisa JUR/IFBA.

² Graduada em História pela Universidade Católica de Salvador, UCSAL, Ba. Atualmente é Pesquisadora no Projeto João Ubaldo Ribeiro da Baía de Todos os Santos e de Todos os Lugares.

Itaparica, na Bahia — nos incitaram a ficar atentos e fortes ao papel perspicaz desempenhado pelo protagonista do romance *Diário do farol*. Dentre as diversas narrativas que nos deparamos no romance, em muitos dos seus relatos, o protagonista consegue encantar as pessoas por meio de dissimulação, conquistando confiança e descobrindo seus segredos, para mais tarde poder fazer chantagens. No seminário onde vive, ele se destaca graças a essa habilidade:

Descobri vários episódios de colegas meus com as lavadeiras e usei bem esse conhecimento, chantageando-os ou a seus comparsas amorosos, com uma habilidade que parece inata em mim, pois, no mais das vezes, eu conseguia que a chantagem parecesse ser não uma pressão, mas um favor de minha parte (RIBEIRO, 2002, p. 64).

Vale ressaltar que os relatos da infância do protagonista nos induzem a ter dó e até mesmo a uma justificativa para os traços do seu caráter. Ele seria tão cruel se tivesse uma infância sadia e uma família generosa? Daí percebermos que a relação do protagonista com o seu pai é um fato marcante no livro. O pai não dá sinais de afeição ao filho, ele também é rígido e foi responsável por um dos maiores traumas na vida do garoto: o assassinato da mãe pelas mãos do próprio pai. Entretanto, o livro não garante que realmente foi um assassinato. Os rastros presentes na narrativa nos mostram o seguinte:

o varandão era o palco preferido por meu pai para me torturar, razão por que, imagino eu, minha memória se embaralha. Mas essas sombras todas passam, até, quando eu tinha pouco mais de cinco anos, o dia em que meu pai trouxe de volta à casa-grande o cadáver de minha mãe, deitado de bruços em frente a ele, o ventre que me gestara curvado sobre a maçaneta da sela do cavalo dele, porque a égua que a derrubara ribanceira abaixo, contou ele a todos, sem atenção especial a mim, ele havia abatido a tiros na cabeça, depois do acontecido. Vinha ele arranhado, desgrenhado e com uma expressão aflita, mas nem por um instante me enganou (RIBEIRO, 2002, p. 25).

Além da sua relação com o pai, o narrador também tem uma forte relação com sua mãe. Essa relação passa a ser estranha depois que a mãe morre, e o filho continua tendo contato com ela. Geralmente à noite, essa mãe costumava consolar e encorajá-lo, sempre com uma voz repousante e misturada com o vento e com as folhas. A narrativa a seguir nos mostra tais evidências:

Agora sei que, se não podes ver meu vulto em meio a esta tarde negra e tempestuosa onde flutua meu espírito sem paz, pelo menos podes

entender o que sussurro, usando a voz das folhas, do vento e da chuva que pertencem ao mundo dos vivos, como tu. Meu filho, creia que te acompanho e me lembro com saudades de tua figurinha em meu colo, meus peitos te acolhendo a cabecinha, meus braços te embalando, meu regaço te acalentando, aliviando o nosso sofrimento, que, por forças que não posso revelar, nos era infligido por esse monstro que tens de chamar de pai, pois verdadeiramente o é. Estou cometendo um pecado, não contando isto aos padres, mas cometo esse pecado porque gosto de você, fórmula que, com pequenas variantes, acabei usando a vida toda, quando se fez necessário (RIBEIRO, 2002, p. 201).

Através de leitura minuciosa desta obra de João Ubaldo, percebe-se que o protagonista é um homem traumatizado, amargurado, solitário, falso, orgulhoso, perverso, entre outros traços de personalidade. Existem características nesse personagem que se acentuam e acabam sendo diametralmente opostos: ele é inteligente, observador, carismático, paciente, determinado e astuto. O que o torna mais incomum é a sua visão do mundo. Ele afirma estar acima do bem e do mal, conceitos que, para ele, são intercambiáveis: “São ambos nomes para as mesmas coisas [...]. Só fazemos o Bem porque somos maus. E só fazemos o Mal porque somos bons” (RIBEIRO, 2002, p. 11). Por ser observador, o protagonista também consegue notar a hipocrisia no seu meio e a conviver com ela e até mesmo utilizá-la para conseguir seus propósitos. Suas características que mais o ajudam a alcançar seus objetivos são paciência, carisma, inteligência e determinação.

História e literatura: territórios entrelaçados em *Diário do farol*

O contexto histórico brasileiro em que a história desse livro está inserida vislumbra o regime político da ditadura militar (1964-1985). Há alguns relatos que retratam a violência desse período. É ingênuo pensar que esse livro não tem como foco fazer crítica ao regime político da ditadura militar e muito menos à Igreja Católica, levando em consideração o que o próprio protagonista afirma, em alguns trechos do livro, como, por exemplo:

Não quero contar nenhuma parte da História, nego qualquer tentativa de “precisão histórica” assim como devo insistir em que não tenho a mínima intenção de, ainda que indiretamente, fazer nenhuma “denúncia”. Isso de fato é parte de nossa História, da qual vivi o meu quinhão e que serve para ilustrar o que quero dizer, mas meu relato não é importante por causa de nossa História, é importante para a compreensão do ser humano como ele realmente é, tão rebuçado e enredado que quase nunca sabe quem de fato é ou como de fato é. A

presunção de que desejo fazer denúncias chega a ser insultuosa. Isto é uma atividade menor, de quem busca revide ou notoriedade. A denúncia, que não posso evitar ser enxergada pelas pequenas mentes, estará na cabeça de quem a ler, porque minha intenção jamais foi ou será essa, até porque eu próprio estou envolvido e, creia, você talvez não haja notado, nem venha a notar por si mesmo: tenho, ao longo destas páginas, sem mentir uma só vez, despistado minha identidade e pretendo continuar a despistá-la da mesma forma (RIBEIRO, 2002, p. 58).

O romance contextualiza o período da ditadura militar, acontecimento histórico que ocorreu entre 31 de março de 1964 a 15 de janeiro de 1985. Sob a desculpa de uma conspiração comunista no Brasil, os militares articularam o golpe que os colocaria no poder e impediria um futuro governo popular:

Os conspiradores sustentavam idéias marcadamente anticomunistas desenvolvidas na ESG (Escola Superior de Guerra), segundo o modelo do Nacional *War College* dos Estados Unidos. No Brasil, o ESG já era um centro altamente influente de estudos políticos através de seus cursos de um ano de duração frequentados igual números de civis e militares destacados em suas áreas de atividade. Da doutrina ali ensinada constava a teoria da 'guerra interna' introduzida pelos militares no Brasil por influência da Revolução Cubana. Segundo essa teoria, a principal ameaça vinha não da invasão externa, mas dos sindicatos trabalhistas de esquerda, dos intelectuais, das organizações de trabalhadores rurais, do clero e dos estudantes e professores universitários. Todas essas categorias representavam séria ameaça para o país e por isso teriam que ser todas elas neutralizadas ou extirpadas através de ações decisivas (SKIDMORE, 1988, p. 22).

Assim como todos os fatos históricos, o regime político da Ditadura Militar teve fatores que influenciaram para que o golpe que derrubou João Goulart acontecesse. Fatores estes que perpassaram aspectos ligados à insegurança política durante o governo de João Goulart — o que ocasionou greves e manifestações políticas e sociais; alto custo de vida enfrentado pela população; apoio da Igreja Católica; setores extremamente conservadores que legitimavam o poder militar a impedir a liberdade de expressão e decretar a censura; apoio da classe média e até dos Estados Unidos aos militares brasileiros.

O cenário da sociedade brasileira estava, portanto, inserido na e impregnado de intolerância e invalidação dos direitos políticos dos opositores à ditadura. Havia proibição e repressão aos movimentos sociais e manifestações de antagonistas, assim como o ataque aos meios de comunicação e a todos os que expunham suas ideias e

opiniões contrárias ao regime militar. Os artistas em todas as suas esferas foram censurados, perderam a liberdade de se expressar. A aproximação com os Estados Unidos (sobretudo com o controle dos sindicatos), a instalação do bipartidarismo, o conflito dos militares contra os opositores ao regime, além do uso de métodos violentos, inclusive torturas contra os opositores, acabam se tornando pontos fulcrais para entendermos o contexto representado pelo romance.

Diário do farol, muitos mais do que narrar a história de um psicopata, nos faz refletir sobre moral, sociedade e humanismo. O protagonista é inteligente e astuto, porém não teria cumprido seus objetivos se a sociedade não fosse um ambiente fértil para as suas maldades. Há muitas características nesse livro que o tornam incomum e envolvente. Uma delas, que nos chama atenção, logo nas primeiras páginas, é a existência de uma relação entre o narrador e o leitor. Nas páginas iniciais, constata-se que ele começa com a ameaça de matar o leitor, caso este ouse duvidar da veracidade dos seus relatos. O protagonista da história também deixa transparecer seus defeitos e suas qualidades. De um modo “torto”, o protagonista, ao confessar suas “maldades”, traz à tona as atrocidades dos “anos de chumbo” no Brasil. Ritta Olivieri-Godet afirma:

No romance, a representação hipertrófica do gozo do poder, indissociável do descaso cínico pelos valores morais, ocupa o centro da cena. A narrativa privilegia o discurso monódico de um ex-padre que se tornou torturador durante a ditadura militar e que se isola num farol, numa ilha deserta, para escrever sua autobiografia (OLIVIERI-GODET, 2009, p. 198).

A tortura, para conseguir informações dos presos políticos, era prática comum durante os interrogatórios. O sujeito era colocado em posição de “pau-de-arara” e de modo humilhante. Os presos ficavam imóveis. Outro método era a “cadeira do dragão” que consistia em uma espécie de cadeira elétrica. Geralmente estava ligada a terminais elétricos, onde os presos sentavam-se nus. Também eram constantes os afogamentos, em que os torturadores encapuzavam as vítimas e as mergulhavam em tanques de água suja. Ou os torturadores tapavam as narinas dos presos e colocavam uma mangueira em suas bocas, obrigando-os a engolir água até se afogarem.

Outra “modalidade” de afogamento se dava por meio de uma toalha molhada na boca que consistia em deixar o preso sem respiração e, nesse momento, recebia um jato d’água nas narinas. Também os abusos sexuais afetavam física e psicologicamente os

presos políticos. Homens e mulheres eram cotidianamente submetidos a humilhações, espancamentos, xingamentos, estupro e a tortura de terem objetos introduzidos em seus corpos, para que entregassem às autoridades informações sobre articulações políticas organizadas de resistência.

Considerações Finais

No romance *Diário do farol*, o contexto social, político e cultural em que a sociedade brasileira estava inserida aponta para diálogos entre duas fronteiras que cada vez mais se aproximam, coadunam, dialogam e ajudam a cruzar novas possibilidades de interpretações: a história e a literatura.

Retratando uma sociedade sem liberdades de expressão, causando medo e descompassos na vida dos indivíduos, o romance nos faz repensar não só no papel coletivo de uma nação, como também na capacidade dos sujeitos para encarar os seus desafios. Um farol tem a função de orientar, dirigir, iluminar, transmitir sinais. Tudo isso, metaforicamente, está associado a todos os tipos de relações capazes de imbricar historicamente o sujeito e a sociedade. Ave, João Ubaldo!

Referências

JOFFILY, Mariana. **No centro da engrenagem: os interrogatórios da Operação Bandeirante e do DOI de São Paulo (1969-1975)**. 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana, BA: UEFS; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Diário do farol**. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 2002.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Getúlio a Castelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.